





Num dos primeiros debates em tempo de FCT, foi dita uma frase pelo senhor Fernando Cardoso, descrita ao detalhe, dando-me a sensação de que eu estava lá, presente, no momento em que a fronteira foi atravessada pelos dois jovens, e também eu tinha percorrido aquele caminho, também eu me apercebera que já não era mais noite e que o dia havia começado, a madrugada já acontecia, do outro lado ou não da fronteira, as cores duma manhã incerta acabavam de aparecer.

Foi através da utilização da cor e mais tarde da composição, que procurei recriar fisicamente as imagens do mundo natural que imaginei na minha cabeça ao longo que esta história nos era contada. Fiz múltiplas propostas de cor, aplicando tons quentes ou tons muito claros, tendo sempre em mente a tal imagem, bastante lúcida, que havia imaginado.

Explorei a formação de nuvens, e o surgimento de vários planos numa só folha de papel.

Pus em causa as cores que iriam representar a realidade, e acabei por as acentuar levando-as a um extremo, dando asas à imaginação para conciliar cores em espaços incertos. Por exemplo: céus cor de laranja muito quente, campos cor de rosa claros, fundos lilás e campos amarelos.

De início, a minha intenção era seguir a proposta original; mais tarde, ao aprofundar o meu conceito, acabei por tomar a decisão de inverter os tons mais claros (azul e cor de rosa) para preto, de forma a tornar mais explícito o estado de mente que tento proporcionar ao espectador ao olhar para a minha serigrafia, acreditando ser absolutamente crucial para o entendimento da mesma.

Ao longo do processo de impressão, ocorreram algumas falhas e foi através destas que cheguei a uma solução, sendo esta a de não completar com a 3ª cor (preto) todas as propostas, ficando com duas séries distintas de significado, sem nunca deixarem de se complementar.

A seguir a alguma reflexão sobre o novo percurso do meu trabalho, aceitei os erros cometidos e não planeados forçando-me a olhar mais de perto e a repensar a dinâmica do projeto, apercebendo-me de que a junção das duas séries fora uma mais valia e que nestas circunstâncias foi quase como uma coincidência, um momento de sorte e neste, encontrei conforto em acreditar que não existe controlo em momentos de inspiração; foquei-me em retratar a mensagem que queria passar — a ideia de uma panorâmica pitoresca, entre o passado e o futuro, sem grande margem para presenciar o presente. Tal como na técnica de gravura, esta proposta é baseada num dos debates em tempo de FCT, em que a minha atenção foi especialmente em volta duma frase dita pelo senhor Fernando Cardoso sendo descrita vividamente a madrugada em que atravessou a fronteira de Portugal; a pequena separação entre as duas imagens serve de compasso de tempo, as frações de segundos à espera dum tal carro que seria a boleia de dois jovens a caminho duma nova etapa das suas vidas.

A cor preto denuncia um ambiente mais pesado, enquanto que na imagem da esquerda está imposto um bastante mais delicado; para transmitir estas sensações / sentimentos dediquei-me a composições e texturas mais ornamentais e bruscas e utilizei cores versáteis a explorar o mesmo ambiente, os contrastes entre si e como a mudança de paleta cromática pode sugerir uma mensagem radicalmente distinta a partir da mesma composição. Na imagem da esquerda está uma vida conhecida, na imagem da direita é a vida que está por vir, a incerteza de tudo.